

**ATA DA 1.ª SESSÃO EXTRAORDINÁRIA (ÚNICA REUNIÃO) DA
ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE AMARES, REALIZADA NO DIA
VINTE E CINCO DE ABRIL DE DOIS MIL E DEZASSEIS**

----- Aos vinte e cinco dias do mês de abril do ano de dois mil e dezasseis, nesta Vila de Amares e no salão nobre do edifício dos Paços do Concelho, realizou a Assembleia Municipal de Amares a **primeira Sessão Extraordinária** do corrente ano, única reunião, a que presidiu o excelentíssimo senhor Presidente da Mesa – **João Januário Tomás Domingues Veloso de Barros**, coadjuvado pela Primeira Secretária – **Maria Gracinda Viegas Ferreira Louro Faustino** e pela Segunda Secretária – **Sofia Amélia Araújo Pinto**, e em que participaram os excelentíssimos membros: **Grupo Municipal do Partido Socialista** – Francisco António Pereira Alves, Sofia Raquel Fernandes de Sousa, João Batista Veloso, Mário Mendes, Paula Filomena Ferreira da Silva, João Luís Pereira Teixeira, Valéria da Silva, João Carlos Taveira Ribeiro e os srs. Presidentes de Juntas de Freguesia: de Dornelas – Reny Manuel Vilela Xavier (Representante legal), de Bouro (Santa Maria) – Elisabete Barbosa da Cunha e da União das Freguesias de Ferreiros, Prozelo e Besteiros – Paulo Jorge Almeida Gomes; **Grupo Municipal Movimento Independente Amares Primeiro** – José Lopes Gonçalves Barbosa, António Jorge Ferreira Pinto, Manuel Moreira Bastos, José Maria Fernandes da Silva e pelos srs. Presidentes de Juntas de Freguesia: da União das Freguesias de Caldelas, Sequeiros e Paranhos – José Manuel Fernandes Almeida, de Fiscal – Augusto Fernandes Rodrigues Macedo, de Goães – Adelino José Peixoto de Sousa, de Lago – Delfim Manuel Silva Rodrigues, de Rendufe – Domingos de Almeida Alves, União das Freguesias de Vilela, Seramil e Paredes Secas – Rui Manuel Maia Tomada; **Grupo Municipal do Partido Social Democrata** - Elisabete Maria Martins de Macedo, Martinho Gonçalves Antunes Braga e o sr. Presidente de Junta de Freguesia: da União das Freguesias de Amares e Figueiredo – João da Silva Martins (em regime de substituição), de Bouro (Stª Marta) – Carlos Manuel Vilela Pereira Portela **Grupo Municipal do CDS-PP**: Rafael Jesus Santos Pereira (em regime de substituição), Vítor Patrício Rodrigues Ribeiro e o sr. Presidente da Junta de Freguesia de Barreiros – Silvério de Jesus Barroso da Silva; **Grupo Municipal da Coligação Democrática Unitária**: Amândio Jorge da Cunha Antunes; **Presidentes de Juntas de Freguesia – Mandatos Independentes**: da Freguesia de Bico – Fernando Daniel Fernandes Soares, Freguesia de Caires – Pedro António Rodrigues da Silva e da União das Freguesias de Torre e Portela – António Emanuel Afonso Ribeiro. -----

O sr. presidente da Mesa da Assembleia, comunicou as substituições feitas, nos termos do disposto no artigo 78.º, da Lei n.º 169/99, de 18 de setembro, alterada pelas Leis n.ºs 5-A/2002, de 11 janeiro, 67/2007, de 31 de dezembro, pelos seguintes membros: **João Maria Gonçalves Pereira de Oliveira**, integrado no Grupo Municipal do CDS/PP, no período entre dezoito de abril e quinze de maio de dois mil e dezasseis, pelo eleito imediatamente a seguir na respetiva lista, **Rafael Jesus Santos Pereira**, que fora devidamente convocado. Tendo-lhe sido verificada a sua identidade e

legitimidade, passou o mesmo a participar. Seguidamente, o sr. presidente da Mesa da Assembleia, comunicou que o sr. presidente da Junta de Freguesia da União de Freguesias de Amares e Figueiredo – **Alberto Martinho Antunes** e **António Araújo Paredes**, integrados no grupo Municipal Partido Social Democrata e do Grupo Municipal do Partido Socialista, respetivamente, comunicaram, por escrito, nos termos do disposto na al. c), do artº 18.º, da Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro, a sua substituição, durante o dia vinte e cinco de abril de dois mil e quinze, pelos representantes legais por si designados: **João da Silva Martins** – Tesoureiro da Junta de Freguesia da União de Freguesias de Amares e Figueiredo e **Reny Manuel Vilela Xavier** – Tesoureiro da Junta de Freguesia de Dornelas, respetivamente, que se encontravam presentes na sala. Tendo-lhes sido verificadas as suas identidades e legitimidade, passaram os mesmos a participar. -----

AUSÊNCIAS: Verificado o mapa de presenças e feita a chamada foram registadas as seguintes ausências: **FALTAS JUSTIFICADAS:** membros **João Luís Veloso Alves Esteves** (MIAP) e o sr. Presidente da Junta de Freguesia de Carrazedo – **João Manuel Vieira Soares** (GMPSD), que apresentaram, por escrito, justificação em conformidade com o Regimento desta Assembleia Municipal. -----

PRESENCAS DO ÓRGÃO EXECUTIVO:- Estiveram presentes os excelentíssimos Presidente da Câmara Municipal senhor Manuel da Rocha Moreira, o sr. Vice-Presidente Isidro Gomes de Araújo e os senhores Vereadores: Jorge José Tinoco Ferreira, Sara Raquel Marques Ribeiro Leite, Sandro Miguel de Macedo Peixoto, Cidália Maria Alves de Abreu e Maria Filomena da Silva Araújo. -----

Secretariou a reunião o Técnico Superior - Rui Agostinho Gonçalves Veloso, que havia sido designado para o efeito. -----

A Ordem do Dia para esta sessão era a seguinte: -----

PONTO 1 – SESSÃO SOLENE DAS COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL DE 1974. -----

Às onze horas, verificando-se que estava reunido quórum e em conformidade com o disposto nos n.ºs 1 e 4, do artigo 13.º do Regimento desta Assembleia, o senhor presidente da Assembleia Municipal declarou aberta a Sessão. -----

PERÍODO ANTES DA ORDEM DO DIA

-----**Sr. PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL:** Agradeceu publicamente às instituições que colaboraram nas cerimónias protocolares e eventos inclusos no programa das comemorações do 42.º aniversário do 25 de Abril de 1974. -----

ORDEM DO DIA

PONTO ÚNICO:- SESSÃO SOLENE DAS COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL DE 1974. -----

----- **AMÂNDIO JORGE DA CUNHA ANTUNES (CDU):-** Transcreve-se na íntegra o texto que serviu de base à sua intervenção: “Abril é o Futuro de Portugal. Nestas comemorações do 42.º aniversário do 25 de Abril de 1974, esse ato fundador e decisivo da democracia portuguesa, começo por saudar os militares de Abril e todos os democratas e antifascistas que lutaram para derrubar o regime fascista e devolver a dignidade e a liberdade ao povo português. A Revolução de Abril foi uma magnífica realização histórica do povo português, tornada possível pela aliança entre o Povo e as Forças Armadas. Foi esta aliança original que possibilitou a Revolução e a concretização das profundas transformações políticas, económicas, sociais e culturais que alteraram radicalmente a situação do País e a vida dos portugueses. O medo, a repressão e as perseguições foram substituídos pela liberdade e pela alegria de viver e partilhar. O regime fascista deu lugar ao regime democrático. Um regime democrático que é fundamental defender. O nosso regime democrático, fundado no dia 25 de Abril de 1974, que ancorou a sua estrutura essencial na elaboração da Constituição da República, que há pouco dias completou 40 anos de existência. Cabe a todos nós, cidadãos deste país democrático, lembrar e inscrever a luta pela Liberdade e pela consagração da Constituição da República, que há 40 anos foi aprovada pela quase totalidade dos deputados da Assembleia Constituinte, à exceção do CDS. Já aqui antes o lembrámos, a celebração de Abril deve extravasar as paredes institucionais, e as margens dos papéis dos discursos, e ser vertida, diariamente nas vidas destes jovens que já nasceram após a madrugada libertadora. Torna-se ainda imperioso exhibir a esta nova e talentosa geração que o processo que sucedeu Abril não se compôs apenas de exultações ruidosas, ou de vitórias manifestas. A caminhada da democracia experimentou também o sabor amargo do retrocesso, da vingança e da traição, o cinzentismo da reação fascista. Não esqueceremos as movimentações conservadoras falhadas do 28 de Setembro. Não esqueceremos o ensaio de golpe do 11 de Março. Não esqueceremos a ação golpista do 25 de Novembro, que redundou no fracasso. Não esqueceremos as tentativas assassinas de queimarem os comunistas e deitarem-lhes gasolina, resultando na destruição de sedes de trabalho do PCP em Rio Maior e Braga, Aveiro e Leiria, Viseu e Guarda, Ponte da Barca e Ponte de Lima, Fafe e Famalicão, Águeda e Ílhavo, Tondela e Seia, Cantanhede e Ansião, Batalha e Peniche. 153 ações terroristas, assaltos com destruição de 55 centros de trabalho do PCP e 25 do MDP-CDE, 39 fogos postos, 15 bombas, e dezenas de agressões. Excelências, É na afirmação das conquistas de Abril consagradas na Constituição que o País encontrará as respostas para enfrentar os problemas atuais e futuros. Afirmar os valores de Abril é a resposta para a recessão económica, para a destruição da produção nacional, para a dívida insustentável, para o desemprego e para a pobreza. Afirmar os valores de Abril é garantir aos desempregados o direito ao trabalho e à proteção social, é garantir aos jovens o direito à educação de qualidade. Afirmar os valores de Abril é garantir que todos os portugueses,

independentemente da sua condição económica, tenham direito à proteção da saúde e à prestação de cuidados de saúde de qualidade, é garantir a todas as crianças a proteção a que têm direito, é garantir condições para o exercício dos direitos de paternidade e maternidade. É com a afirmação dos valores de Abril que defendemos o futuro de Portugal! Garantir a independência nacional e os direitos e liberdades fundamentais, promover o bem-estar e a qualidade de vida do povo e a igualdade real entre os portugueses são tarefas fundamentais do Estado que os órgãos de soberania têm o dever indeclinável de cumprir. Celebramos o 42.º aniversário da Revolução de Abril conscientes das dificuldades que o País atravessa, mas imbuídos de uma grande confiança e esperança de que o nosso País retomará o projeto de construir uma sociedade melhor, mais justa e mais fraterna, uma sociedade que recupere os valores de Abril e os projete no futuro. Celebramos o ato e o processo mais moderno e avançado da nossa época contemporânea projetando-os no futuro, com a certeza de que as suas conquistas e os seus valores continuam presentes no coração, nos sonhos, nos anseios e na luta do povo português. Senhoras e Senhores. O Partido Comunista Português, Partido da classe operária e de todos os trabalhadores, Partido da luta pela liberdade, pela democracia e pelo socialismo, Partido de Abril, apela a todos os homens e mulheres de Portugal, à juventude, a todos os democratas e patriotas, aos que consideram que a pátria não se vende, aos que repudiam a exploração e a opressão, aos que defendem valores solidários, fraternos e de esquerda, para que, pela sua coragem, a sua vontade, a sua voz e a sua luta, mantenham vivos os Valores de Abril para que estes se projetem, consolidem e desenvolvam no futuro de Portugal. Dizemo-lo com a Liberdade que nos foi conferida e pela qual lutaremos até ao fim. Pela Democracia! Pela Liberdade! Pelos Valores de Abril! Por Portugal! Viva o 25 de Abril! Muito obrigado!” -----

----- **RAFAEL JESUS SANTOS PEREIRA**, (CDS-PP):- Transcreve-se na íntegra o texto que serviu de base à sua intervenção: “Estamos aqui presentes para comemorar o dia em que as espingardas floriram cravos e o povo saiu à rua com júbilo e esperança. Celebrar o 25 de abril hoje, o Dia da Liberdade, deve ser para todos nós um dia de reflexão profunda sobre o passado, o presente e o futuro. Não esqueçamos os tempos difíceis pelo qual os nossos pais e avós passaram, que muitas famílias ainda hoje estão a passar, mas sobretudo qual o futuro que queremos e vamos deixar para os nossos filhos. Falar em Liberdade é sempre um orgulho, mas a liberdade acarreta um enorme sentido de responsabilidade. Educação e afeto deve ser a pedra angular no qual se sustenta uma família. Mais do que discursos formais cheios de pompa e circunstância, as pessoas precisam de humanidade, afeto e amparo. É apenas isto que se pede aos políticos do nosso país. Talvez a maior revolução ainda esteja para vir, e essa, talvez seja de mentalidades. Onde o respeito pela democracia e a luta pela dignidade humana, sejam a arma de onde irão florir novos homens e novas mulheres capazes de honrar este país. Permitam-me agora, apresentar uma visão diferente do 25 de abril, pois a história já todos conhecem. Uma visão de quem não passou por esses tempo, e de uma geração que tem um sentido de Liberdade diferente daquela que existia à 42 anos. Uma geração que não quer subsídios, mas apenas que a deixem trabalhar. O 25 de abril trouxe-nos a Liberdade de poder decidir em democracia quem governa o nosso país, o nosso

concelho, a nossa terra. É certo, que entre os direitos humanos fundamentais, devemos sempre proteger a liberdade de expressão, denunciar, discordar e participar plenamente na vida pública da sociedade. Numa democracia, a luta entre partidos políticos, não deverá ser uma luta pela sobrevivência, mas uma competição para servir o povo. E uma vez que estamos a falar em liberdade de expressão deixem-me que vos diga que uma revolução de mentalidade políticas, onde servir o povo deveria ser só, e somente só, para quem, gosta mais do povo do que, de si mesmo! No poder local, onde são eleitos não apenas um presidente, mas sim um grupo de pessoas que para gerir os bens do povo, se as coisas estão menos bem, a culpa não é só de uma pessoa, mas sim de todos aqueles compõe o executivo, ou seja de todos partidos nele representado. O mesmo acontece com os Deputados Municipais e a mim me incluo, temos a responsabilidade acrescida de articular opiniões, criticar, apoiar, votar, mas sobretudo trabalhar dentro da ética democrática da tolerância, respeito e colaboração para com o executivo, não pedindo apenas explicações, mas sim, apresentar ideias e soluções para os problemas na nossa terra. Terra esta, que democraticamente nos elegeu e confiou o seu destino. Cada deputado é livre e deve decidir sozinho o que é melhor para Amares e não apenas representar um partido que pretende a todo o custo chegar ao poder. Esta será a maior revolução sem armas que Portugal alguma vez teve, uma mudança de mentalidades, onde o povo é quem mais ordena e confia que dêmos o nosso melhor. Esta é a minha ideologia política e acredito, que seja a do meu Partido, o CDS-PP. Viva a Liberdade. Viva Amares e as suas gentes.” -----

----- **MARTINHO GONÇALVES ANTUNES BRAGA (PSD):**- Transcreve-se na íntegra o texto que serviu de base à sua intervenção: “Há 42 anos, realizou-se no nosso país, um ato de libertação social e nacional, constituindo um dos mais importantes acontecimentos da história de Portugal – a Revolução de Abril. Desencadeada por um grupo de militares, os Capitães de Abril, acompanhados pelo povo português transformaram profundamente a realidade do nosso país, pondo fim a 48 anos de ditadura. A Revolução de Abril, momento histórico do povo português, permitiu o nascimento de um país livre. Com dignidade e direito a sonhar e a escolher o seu próprio rumo – um estado de direito Democrático. Comemorar este acontecimento é honrar a história e o papel daqueles que com coragem e determinação contribuíram para o desenrolar de um processo de viragem na nossa sociedade. Minhas Senhoras e meus Senhores,-----
No tempo em que vivemos, temos assistido a um afastamento dos cidadãos das tradicionais instituições democráticas. O descontentamento e a falta de confiança dos cidadãos em relação às instituições, desde os partidos políticos à administração pública e órgãos de soberania, são bastante evidentes. Os cidadãos sentem que nem sempre as suas opiniões são ouvidas ou ficam desagradados com a forma como são endereçadas as suas preocupações. Ao longo destes anos de democracia a perceção dos cidadãos em relação ao papel dos políticos tem vindo a degradar-se. Encontram-se mais desmotivados e tendem a desvalorizar a importância do seu voto ou das suas manifestações enquanto ativo importante na construção de um futuro melhor. Torna-se urgente inverter esta tendência. É preciso que as pessoas sintam que o seu envolvimento pode trazer a mudança ao nível da sua rua, freguesia, região, país, ou eventualmente, a um nível mais global.

Havendo cidadãos motivados e estimulados a colaborar, e uma classe política estimulada a fomentar a colaboração destes, teremos uma cultura de participação cívica mais forte. Para isso é necessário promover uma maior abertura do sistema político, garantir uma gestão mais transparente, com a envolvimento dos cidadãos na elaboração e no cumprimento das decisões públicas. É necessário um investimento claro na formação das gerações futuras em termos de responsabilidade e estímulo para a participação ativa na discussão e construção de políticas de desenvolvimento comuns. Neste plano as escolas são verdadeiros veículos de difusão dos valores e comportamentos próprios de uma cultura democrática sustentável. A escola pode e deve ter a função de inculcar nas crianças e nos jovens uma cultura responsável, de envolvimento e participação na discussão e decisão das soluções para os nossos problemas. Mas, se aos cidadãos compete o dever de exercer o direito à participação ativa, aos políticos acresce a responsabilidade de proteger a relação de confiança atuando sempre no plano da ética política. Desenvolver compromissos ou políticas assentes em modelos projetados em ilusões, gera falsas expectativas junto dos cidadãos, que quando confrontados com a realidade, por vezes muito distante do mundo prometido, traduz-se em descontentamento e conseqüentemente na perda da relação de confiança com o sistema democrático. Neste contexto, o papel da comunicação social é fundamental. A liberdade de expressão enquanto direito também deve ser enquadrada como um dever. O dever de disponibilizar aos cidadãos informação de qualidade que lhes permita avaliar o realismo e a justiça das propostas apresentadas pelos políticos. Só em conjunto seremos capazes de transformar a participação de todos os agentes num processo natural e contínuo, resultando numa plataforma capaz de influenciar o nosso futuro coletivo. Minhas Senhoras e meus Senhores, -----

Hoje, passados 42 anos de democracia, vivemos um período com desafios sérios e particularmente exigentes ao nível do plano nacional, europeu e mundial. A incerteza na evolução da economia, a fragilidade da nossa situação financeira, as desigualdades sociais, o número de famílias e pessoas abrangidas pelo desemprego de longa duração ou com emprego precário e um estado social com dificuldade em responder a todas as situações, são naturalmente fatores de preocupação. Também, a nível Europeu, existem graves e complexas problemáticas, às quais as políticas adotadas pelos Estados membros nem sempre têm dado as respostas mais adequadas. Sendo esta situação particularmente visível em crises de maior dimensão e complexidade como é o caso da crise humanitária dos refugiados. A morosidade demonstrada pelas instituições europeias na condução de processos complexos deixa nos cidadãos um sentimento de preocupação e apreensão em relação ao futuro. Encontrar respostas para estes desafios, é condição essencial para devolver a esperança e a confiança aos cidadãos. Os agentes políticos têm o dever de promover os valores da democracia, assentes na melhoria do bem-estar comum e da equidade social. Para tal, é necessário atingir um equilíbrio entre política e economia. Pensar estrategicamente o desenvolvimento local ou nacional numa visão a médio e longo prazo. Minhas Senhoras e meus Senhores, -----
É a liberdade que nos permite discutir, confrontar e escolher. Vivemos numa democracia e essa é

uma das mais belas e reconfortantes heranças do 25 de Abril. Temos liberdade para nos reunir e para nos expressar. Assim, e de forma a garantir a continuidade dos valores democráticos, teremos que praticar uma cidadania responsável e participativa. Mas tal não se passa noutros lugares do mundo, onde os valores da democracia estão longe de ser alcançados. Infelizmente, ainda acontece em muitos países, verdadeiras violações dos direitos humanos. Temos, assim, um papel a desempenhar: continuar a promover os valores fundamentais da democracia no nosso país, filhos, netos e pelas gerações futuras, mas também para que possamos ser uma referência aos povos que lutam ou lutarão, um dia, pela sua própria liberdade. -----

Minhas Senhoras e meus Senhores,-----

Para terminar, deixo uma palavra de reconhecimento e felicitação a todos os homenageados pela sua dedicação, esforço e participação na vida do município. Enquadrar esta iniciativa nas comemorações do 25 de Abril promove uma maior abertura à sociedade civil, elemento importante no estímulo e envolvimento da participação dos cidadãos nas iniciativas políticas. A todos um bem-haja! Viva o 25 de Abril! Viva Amares! Viva Portugal! -----

----- **SOFIA AMÉLIA ARAÚJO PINTO (MIAP):-** Transcreve-se na íntegra o texto que serviu de base à sua intervenção: “Mais uma vez, reunimo-nos para comemorar o 25 de Abril, um dia que ficará para sempre na História do povo Português. Hoje optamos por deixar que as palavras do um poema de Manuel Alegre nos lembrem o que foi o Abril de 74. -----

Trova do Vento que Passa -----

Pergunto ao vento que passa
notícias do meu país
e o vento cala a desgraça
o vento nada me diz.

Pergunto aos rios que levam
tanto sonho à flor das águas
e os rios não me sossegam
levam sonhos deixam mágoas.

Levam sonhos deixam mágoas
ai rios do meu país
minha pátria à flor das águas
para onde vais? Ninguém diz.

Se o verde trevo desfolhas
pede notícias e diz
ao trevo de quatro folhas
que morro por meu país.

Pergunto à gente que passa
por que vai de olhos no chão.
Silêncio - é tudo o que tem
quem vive na servidão.

Vi florir os verdes ramos
direitos e ao céu voltados.
E a quem gosta de ter amos
vi sempre os ombros curvados.

E o vento não me diz nada
ninguém diz nada de novo.
Vi minha pátria pregada
nos braços em cruz do povo.

Vi meu poema na margem
dos rios que vão pró mar
como quem ama a viagem
mas tem sempre de ficar.

Vi navios a partir
(Portugal à flor das águas)
vi minha trova florir
(verdes folhas verdes mágoas).

Há quem te queira ignorada
e fale pátria em teu nome.
Eu vi-te crucificada
nos braços negros da fome.

E o vento não me diz nada
só o silêncio persiste.
Vi minha pátria parada
à beira de um rio triste.

Ninguém diz nada de novo
se notícias vou pedindo
nas mãos vazias do povo
vi minha pátria florindo.

E a noite cresce por dentro
dos homens do meu país.
Peço notícias ao vento
e o vento nada me diz.

Mas há sempre uma candeia
dentro da própria desgraça
há sempre alguém que semeia
canções no vento que passa.

Mesmo na noite mais triste
em tempo de servidão
há sempre alguém que resiste
há sempre alguém que diz não.

Manuel Alegre, in 'Praça da Canção.' -----

----- **FRANCISCO ANTÓNIO PEREIRA ALVES (PS)**:- Transcreve-se na íntegra o texto que serviu de base à sua intervenção: “No despontar do dia 25 de abril, às 0 horas e 20 minutos, quando a canção «Grândola, Vila Morena» enchia os microfones da Rádio Renascença, com as operações militares do MFA em marcha, rasgava-se todo um mar imenso de esperança para os portugueses. Ao povo fora devolvida a liberdade. Estava em curso o rumo dos portugueses à cidadania. A todos os portugueses passaram a ser reconhecidos direitos e deveres iguais, rumo à plena participação na vida política da nação. E, nesta participação plena, os portugueses passaram a gozar de liberdades e garantias individuais e a participar ativamente, ao nível local e nacional, nos órgãos de poder democraticamente eleitos. Hoje, estamos a comemorar o 42º aniversário de um acontecimento que marca, na História de Portugal, a viragem da ditadura para a democracia, dos limites à expressão e à diferença de opiniões, perseguição e detenções arbitrárias, da tortura e da submissão para a liberdade, do fim de uma guerra, a Guerra de África, ou Guerra Colonial para a paz e a tranquilidade dos portugueses. Esta era a desmedida dor de tantas famílias, de muitas portuguesas e de muitos portugueses que jamais podemos ignorar. O número de mortos, durante os 13 anos de Guerra do Ultramar, cifrou-se num total de 8 290 baixas nas três frentes de combate. Também o número de feridos graves rondou os 13 mil. Depois, o número elevado de feridos com maior ou menor gravidade. Depois, ainda, o número de afectados, sobretudo a nível psíquico, o “stress pós-traumático de guerra”, uma doença grave, mais do que se possa imaginar, cujos efeitos ainda hoje sentimos, frequentemente, onde quer que nos encontremos. Há, ainda, outra ferida bem dolorosa para muitas famílias: os militares desaparecidos em combate silenciados pela ditadura. Em Portugal, vivemos, agora, em Democracia e em Liberdade, porque militares intrépidos, no dia 25 de Abril de 1974, libertaram o povo português do açaime da ditadura, restituindo-lhe o sonho de um futuro mais justo e solidário. O flagelo da guerra colonial alentou e robusteceu a expressão “25 de Abril” de 1974, como um dos mais belos sinónimos do conceito de Liberdade. A Democracia deu guarida aos direitos individuais, à vida, à liberdade e à propriedade; ao respeito pelo bem comum, à igualdade de oportunidades, à equidade perante a Lei e à qualidade de vida. Por isso, em memória daqueles que conceberam e fizeram o 25 de Abril; em memória dos militares da Revolução dos Cravos, cujas carreiras arriscaram, empenhando a sua liberdade e expondo a própria vida; em memória dos combatentes da Guerra do Ultramar, mortos em combate, ou, falecidos, posteriormente, em diferentes circunstâncias, todos, continentais e africanos; em lembrança dos Deficientes das Forças Armadas, dos que padeceram e padecem, ainda, de “stress pós-traumático de guerra”. Todos eles nos merecem o nosso respeito, a nossa honra e a nossa homenagem e do país a justa recompensa. É por isso que nós, fazendo jus aos que lutaram pela nossa liberdade e pela democracia em Portugal, temos o dever atual de contribuir para o aperfeiçoamento do sistema democrático, dando seguimento ao sonho daqueles que deram corpo às motivações dos obreiros de abril. Por isso, recordar o Dia da Liberdade é perpetuar um sonho de ontem, na perspetiva do hoje e do amanhã que desejamos para os nossos filhos. Abril foi ontem! Abril é cada dia! Abril a todos nos convoca, a todos nos interpela, a todos nos desafia! Todos, por isso, somos

convidados a estar a atentos, a vigiar os sinais de como se vai construindo e vivendo, à nossa volta, a democracia. Impõe-se-nos como um dever de cidadania essa atenção - mas é sobretudo nosso dever de autarcas, sobre quem pende um imperativo acrescido de vigilância, de testemunho e de dignificação da vida pública. Compete-nos ser exemplo e exigência de exemplo, agindo sempre em transparência e na verdade democrática, assente em jogo limpo, pautado pela conduta séria, sem nunca traírmos os que nos acompanharam, os que acreditaram e votaram em nós, no programa que lhes apresentamos, na nossa equipa, no projeto que abraçámos. Mais do que um discurso, mais do que um gesto populista inquinado de estratégias ínvias, é da competência e da honradez que se faz Abril, que se conjuga o respeito pela democracia. É deste jeito de ser que se vê a decência face à vontade do povo, é deste jeito de ser que se revela a maturidade para o exercício de um cargo, para a ocupação de um lugar, para o merecimento e a justificação da missão confiada. É desta capacidade de levar até ao fim um compromisso, sem abandono das mãos que acreditaram e sem cedências à sede do poder pelo poder daqueles que só pela sede de poder nos procuraram. Abril é cada dia e faz-se da urgência de firmeza, do carácter elevado, da honorabilidade, da nobreza de princípios e da grandeza de espírito. E este imperativo ético é, afinal, quem nos revela tantas vezes que nem todos estiveram à altura da vontade dos eleitores, que nem todos estavam preparados para a responsabilidade da vitória e que nem todos se consciencializaram de que, na vida democrática, também é importante sabermos-nos deixar ficar com retidão por uma oposição condigna. Daí que seja essencial compreendermos que Abril abriu as portas às escolhas democráticas. Porém, acima de tudo Abril só acontecerá verdadeiramente se estivermos à altura do voto que nos elege e se interiorizarmos a lealdade que o mesmo implica e o respeito que ele nos merece enquanto quinhão sagrado e inviolável que o povo nos confia para o honrarmos na estrita medida em que nos foi dado, seja ante a assunção do poder, seja ante a assunção não menos meritória da nossa conduta digna e dignificante, nos cargos para que fomos eleitos. Eis, pois, que, no vigor dos seus 42 anos, Abril nos interroga: O que temos feito? Que respeito nos tem merecido o voto? E a ética? Que desvios nos temos permitido ao que o povo nos autorizou e confiou? Que cravos pomos na lapela quando a prática o contradiz? Que testemunho temos passado a quem quer acreditar na política e nos políticos? Com que métodos ou com que valores trazemos os mais novos para os corredores do poder e os cargos da política? Com que maturidade e liberdade fomos capazes de nos mantermos ímpolutos e fiéis, no poder, ou na oposição? Com que gestos limpos, com que jogo aberto, com que sentimentos, com que alma somos pela justiça e pela liberdade? Minhas senhoras e meus senhores, estas perguntas são para todos nós e para ninguém em concreto. Todos temos de pensar o que fizemos e fazemos por Abril. Todos temos de pensar a forma como dignificamos o serviço público de que fomos incumbidos. Abril não permitiria outro discurso que não fosse o da fraternidade, mesmo nas perguntas que a nós próprios nos fazemos. Minhas senhoras e meus senhores, Abril interpela-nos, com a mesma vontade de elevação que perpassa o poema de Sophia de Mello Breyner Andresen: -----
«Meu canto se renova -----

recomeço a busca -----
De um país liberto -----
De uma vida limpa -----
E de um tempo justo». -----

VIVA O 25 DE ABRIL! VIVA A LIBERDADE! VIVA AMARES! VIVA PORTUGALI!” -----

----- **PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL:**- Transcreve-se na íntegra o texto que serviu de base à sua intervenção: “Durante 48 anos Portugal viveu asfixiado por um regime político cinzento e as pessoas encurraladas pela opressão e pelo medo da ditadura. Hoje celebramos o Abril de 74 em que os militares levaram aos ombros as expectativas e a esperança de um tempo novo e rasgaram as mordças que aprisionavam a palavra liberdade. Com a Revolução de Abril nasceu uma nova vida dentro de cada um e um novo ciclo na vida do nosso país. Portugal posicionou-se perante o mundo como uma nação livre e inaugurou este tempo político da Democracia. Por isso, hoje celebramos também as conquistas deste novo ciclo ao nível da educação, da cultura e do desenvolvimento. Passados 42 anos vemos que viver Abril é fazer um caminho que continuamente lança novos desafios. Ao nível local, a Gestão Autárquica reivindica um novo modelo de ação e governação, que considere a forma como Portugal está face à Europa, mas também como Amares se posiciona perante a região e o país. A ambição de que o nosso concelho assuma uma posição de relevo, e se afirme através das características mais fortes da sua identidade, é um objetivo que impõe equipas alargadas e coesas, pois precisamos de todos os contributos construtivos que reforcem a cooperação e as mais-valias do trabalho em rede: - “sozinhos vamos mais rápido mas juntos vamos mais longe”. Perante um mundo globalizado em que a informação circula de forma instantânea e os processos de mudança acontecem constantemente, é necessário Agir com determinação para agarrar todas as oportunidades para o futuro do concelho de Amares. A democracia percebeu que tem de ser participada e participativa. Aliás foi exatamente dessa forma que nasceu. A concretização deste apelo reivindica o envolvimento da sociedade civil mas também o exemplo da classe política, que em muitos flancos da casa se rodeou de muros altos. Vejo com alguma preocupação que as questões de natureza pública, mas sobretudo política, nem sempre despertam envolvimento e interesse na sociedade e creio que tudo devemos fazer para inverter esta trajetória de afastamento que se reflete, por exemplo, nos elevados índices de abstenção nos atos eleitorais. É necessário procurar respostas que honrem os direitos adquiridos e promovam o compromisso. -----

Minhas Senhoras e meus senhores. Amares posiciona-se de forma privilegiada ao nível do seu tecido associativo, uma das heranças mais nobres da Revolução. As associações exercem um papel fundamental e mobilizador das dinâmicas culturais e das tradições, fomentando a prática desportiva e relações de parceira essenciais nas áreas social e humanitária. O Gabinete do Associativismo, Desporto e Juventude do Município é uma estrutura que vem impulsionar as relações de diálogo cada vez mais próximas entre a autarquia e as associações. Congratulo-me com a representação das associações concelhias nesta manhã de abril, num ato simbólico mas muito representativo. São, realmente, uma presença que faltava. Creio que é também

indispensável trazer os jovens para o centro das discussões e educá-los para uma cultura democrática. O Concelho Municipal da Juventude de Amares, que este mês completa o seu primeiro aniversário, é um órgão importante que, embora esteja a dar os primeiros passos, nos dá sinais positivos desta capacidade e motivação das gerações futuras quando chamados a intervir. Já são eles os novos construtores da democracia. O compromisso com as novas gerações tem também de estar presente na gestão dos recursos públicos. A exigência de rigor nos orçamentos municipais, que vem sendo reforçada, nomeadamente com as alterações à lei das finanças locais em 2013, coloca uma tónica acentuada na necessidade de planeamento na projeção do investimento. Os orçamentos municipais rigorosos traduzem-se em taxas de execução elevadas e hoje o Município de Amares orgulha-se do equilíbrio financeiro em que se encontra, sendo uma referência na região ao nível da eficiência financeira. Alcançado o equilíbrio, estamos em condições de poder antecipar investimentos em infraestruturas e obras ambicionadas pelas freguesias. Esperamos que, por parte da Europa, venham sinais positivos que apoiem os nossos objetivos e anseios. Digo com orgulho que Amares é um concelho atento às suas pessoas. No ano 2015 Investimos diretamente meio milhão de euros em despesas correntes canalizadas para apoio à medicação, apoio à vacinação, apoio às rendas, transportes escolares e habitação social. Estou certo de que a responsabilidade social é também uma forma de alavancar o nosso valor como território mas é, acima de tudo, um dever. A promoção do desenvolvimento económico, crescimento e criação de emprego são os maiores desafios pelos quais continuamos a lutar, sobretudo procurando criar um espírito proactivo e empreendedor. Mas também através de medidas que criem valor e deem visibilidade a Amares, atraindo a circulação de pessoas e o movimento da economia. Essa aposta na Valorização do território e dos recursos naturais, históricos e humanos continua a orientar a minha ação enquanto autarca. A homenagem aos trabalhadores do Quadro de Pessoal do Município de Amares, colaboradores próximos do poder local, junto de todas as forças políticas, marca também o dia de hoje. É um simbólico e justo agradecimento aos homens e mulheres que ao longo de mais de 25 anos têm servido a causa pública nesta instituição. Que este momento seja também um incentivo para um compromisso renovado com a população de Amares que diariamente conta com os seus serviços. As comemorações alargadas do 25 de Abril, que este ano integram homenagens, e a I semana do associativismo, sejam um sinal inequívoco de que Abril está na rua e é do Povo. É desta forma que o queremos celebrar. Com muita honra assumo a missão de servir Abril lutando pelo crescimento e desenvolvimento de Amares. É este o meu compromisso. É esta a minha determinação. **VIVA O 25 de ABRIL. VIVA A LIBERDADE. VIVA AMARES.**” -----

----- **PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL:**- Transcreve-se na íntegra o texto que serviu de base à sua intervenção: “Estas cerimónias começaram de uma forma que não posso deixar de referir nesta minha intervenção. Estas cerimónias estavam agendadas para ter início às 9 horas e 30 minutos. Mas foram iniciadas antes dessa hora, com o estear das bandeiras e o ecoar do nosso hino, sem a presença de um representante da Assembleia Municipal. Eu estava presente antes dessa hora. Entendo, por isso, ser uma falha que merece ser salientada. São momentos como

estes que me fazem lembrar a tarefa de Sísifo que ficou condenado a executar uma tarefa rotineira sem utilidade eternamente. Mas também, são momentos como estes que me recordam Miguel Torga, num poema intitulado, também, Sísifo. Em que o sujeito poético nos diz que não devemos desistir mas que no caminho duro que temos de percorrer o devemos fazer em liberdade, e que não devemos aceitar o fruto pela metade. Minhas senhoras e meus senhores,-----

O programa destas comemorações é possível devido à disponibilidade de diversas associações: Banda Filarmónica de Bouro Sta. Maria, Grupo Coral da APEA, Clube Desportivo Recreativo e Cultural Amarense, Bombeiros Voluntários de Amares, Núcleo da Cruz Vermelha de Amares e Secção Columbófila de Amares, entre outras. Aos quais agradeço. Quero também aproveitar este momento para deixar uma palavra de agradecimento pela forma calorosa e entusiástica com que as Juntas de Freguesia nos receberam aquando da realização das nossas sessões nas diferentes freguesias do nosso Concelho. Com essa disponibilidade celebram a democracia porque engrandeceram e prestigiaram a nossa “casa da democracia”. Além disso, criaram oportunidades de proximidade e participação da população nos designios do nosso Concelho. Que devem ser continuamente motivadas, porque elegem como ponto de discussão e intervenção a Assembleia Municipal. Minhas senhoras e meus senhores, -----

Comemora-se hoje o 42º aniversário da Revolução do 25 de Abril, e este ano o 40º aniversário da eleição da Assembleia Constituinte e o 40º aniversário da entrada em vigor da nossa Constituição da República Portuguesa. Uma Constituição que representa a luta do antes e depois do 25 de abril com uma realista efetividade temporal da nossa Democracia e do nosso Estado Social de Direito. Num Estado democrático e de direito a Constituição é o pilar que sustenta a democracia. E a democracia só se cumpre no respeito pela vontade soberana de uma comunidade que, em liberdade, definiu as regras a que devem submeter-se as instituições e os seus representantes. Regras essas que não podem ser relativizadas ao sabor das conveniências do situacionismo individual ou coletivo. Minhas senhoras e meus senhores, -----

Seguindo a linha de pensamento de António Damásio em “O erro de Descartes”, onde defendeu que o correto não é “Penso, logo existo” mas sim “Existo, logo penso”, direi que a História é que fará, ou não, do 25 de abril de 1974 um marco na História de Portugal. Até porque “O caminho faz-se caminhando”. Faz-se caminhando, porque não há caminho, porque este só se faz ao caminhar, palavras sábias de António Machado, poeta Espanhol. São nossos os passos nesse caminho do devir em direção ao futuro em que abril está projetado. Esse ponto de partida, nesta ainda curta caminhada no fortalecimento da Democracia e do Desenvolvimento social. Os dois D's que não são mutuamente exclusivos. Um dos grandes contributos para essa caminhada é o movimento associativo, sobre as suas diferentes formas. As comemorações de Abril do município de Amares de este ano estão entrelaçadas com a semana do associativismo de Amares, porque, através da homenagem e celebração do associativismo estamos reciprocamente a homenagear e celebrar abril. Minhas senhoras e meus senhores, -----

O aumento da participação dos portugueses nas atividades associativas em Portugal, ocorre após o 25 de Abril de 1974, em virtude do abrandamento da pressão social e política em que o país se

encontrava subjugado. O associativismo desenvolve funções de capital importância ao nível do exercício da democracia, nomeadamente quanto à imposição de limites da influência do Estado e de promoção da participação cívica. As organizações de tipo associativo são o eixo nuclear de qualquer política de desenvolvimento, na medida em que constituem um pilar decisivo na construção de solidariedades, são a expressão de uma forma de vida em comunidade, e promove a possibilidade efetiva de os grupos lutarem e afirmarem a sua identidade. Funcionam, também, infelizmente em muitos casos, como veículos de preenchimento deixado pelos agentes primários de socialização, como por exemplo a família, resultante em grande parte da celeridade da mudança social e da precariedade social e laboral. Minhas senhoras e meus senhores, -----

O associativismo contribuiu para contrariar a visão economicista hegemónica vigente. Permitindo um apoio à intervenção sustentada a muitos cidadãos desejosos de fornecerem um trabalho voluntário, economicamente desinteressado e conscientemente assumido. São muitos os exemplos no nosso Concelho: Instituições de solidariedade social, Bombeiros, Cruz Vermelha, Serviços comunitários, Clubes desportivos, associações culturais e recreativas, grupos amadores, etc. Muitos dos que se voluntariam para ajudar fazem-no nas horas livres para além do local de trabalho possibilitando o investimento do tempo livre em benefício de algo que, sendo pessoal, assume um carácter essencialmente coletivo, solidário e com capacidade sustentada de intervenção social, política, cultural, económica, e de coesão do tecido comunitário. Trabalho esse, que ao contrário de algumas forças políticas não é uma treta, e deve ser entendido não como uma substituição da ação do Estado, mas como um fator essencial do desenvolvimento que a complementa, e que com ela estabelece uma relação dignificante para ambos. Em suma, torna-se claro a grande importância do associativismo para a nossa democracia e Concelho. Reveste-se de importância social, o reconhecimento do valor da ação dos seus dirigentes, que promovem a consciencialização plena da força social e política. Minhas senhoras e meus senhores, -----

Quero referir o trabalho meritório do Gabinete do Associativismo da Câmara Municipal de Amares que tem desenvolvido um esforço para organizar, regulamentar e apoiar as Associações do Concelho de Amares com vista a trazer ainda mais rigor e equidade na distribuição dos recursos financeiros. E na promoção do diálogo interassociativo como é patente nas atividades realizadas e que irão decorrer na semana do associativismo de Amares. Além disso, o gabinete teve um papel participativo e inovador nestas comemorações. Que agradeço publicamente. Viva a liberdade. Viva Amares. Viva Portugal.” -----

PERÍODO DE INTERVENÇÕES DO PÚBLICO

----- Não se registou qualquer formalização de pedido de intervenção. -----

----- Sendo onze horas e cinquenta e seis minutos e não havendo mais nada a tratar, o sr. **Presidente da Mesa da Assembleia Municipal declarou encerrada a presente reunião (única), da primeira sessão extraordinária do corrente ano da Assembleia Municipal de Amares, da qual se lavrou a presente Ata, que tem como suporte gravação digital de tudo quanto ocorreu na**

respetiva reunião, que, depois de lida e aprovada, vai ser assinada pelo Presidente da Mesa da Assembleia Municipal, **João Januário Tomás Domingues Veloso de Barros**, que dirigiu os trabalhos, e por mim, **Rui Agostinho Gonçalves Veloso**, Técnico Superior do Mapa de Pessoal único deste Município, para tal efeito designado, que a redigi e dou fé de que tudo se passou como nela fica exarado. -----

Presidente da Assembleia Municipal
(João Januário Tomás Domingues Veloso de Barros)

O Técnico Superior
(Rui Agostinho Gonçalves Veloso)